

Dataísmo, a religião do século XXI e sua manifestação do sagrado no filme I Am Mother (2019)

Carolina Cavilha dos Santos Hashimoto*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i1p537-554

Resumo: O artigo demonstra em que momentos do filme I Am Mother é possível perceber a inteligência artificial como sendo um ente sagrado. Isso pelo fato da obra narrar a história de um robô chamado Mãe que tem o poder de manipular a criação da vida humana logo após sua extinção. A obra permite ainda observar uma narrativa mitológica adaptada ao contexto tecnológico e inteligente do século XXI. Passível de ser estruturado a partir da temática da religião dataísta. Um conceito atual que foi aprimorado pelo historiador Yuval Noah Harari. O preceito básico do dataísmo é a cultuação dos dados ao invés de deuses ou do homem. Desse modo, o robô Mãe é venerado como um ente sagrado por se encarregar de dar vida aos embriões selecionados e de julgar quem é digno de permanecer vivo para dar continuidade à espécie humana. Para conseguir suas metas, o robô age de maneira estratégica e planejada. Agindo pela força caso seja necessário. A abordagem fílmica se baseia sobretudo no mito da criação e recriação do mundo, da Arca de Noé, do fruto proibido, de Adão e Eva, da Mãe Terra, do sacrifício humano. Há também alguns elementos históricos e simbólicos que são esclarecidos no decorrer do texto. Como exemplo, a simbologia do fogo que é usado na película para incinerar o que o robô entende como desnecessário. Por fim, o texto também tem a intenção de provocar no leitor uma reflexão sobre o impacto dos avanços tecnológicos para o futuro da religião.

Palavras-chave: dataísmo, história das religiões, inteligência artificial, mito pós-moderno, sagrado.

Introdução

I Am Mother é um filme de ficção científica que foi lançado em 2019. A história é ambientada em uma unidade isolada e altamente tecnológica no planeta Terra após a extinção dos seres humanos. No local, um robô chamado Mãe (voz de Rose Byrne) mantém 63 mil embriões humanos congelados em uma máquina avançada. A meta de Mãe é repovoar o planeta. No entanto, esse repovoamento é feito de maneira metódica e racional. Isso porque o robô Mãe tem o papel de escolher um único embrião feminino para dar sequência à vida humana.

A partir da seleção, o feto se desenvolve de maneira rápida em uma máquina que simula o útero materno. Depois disso, o filme vai mostrando em etapas o crescimento da chamada Filha (Clara Rugaard) até chegar à adolescência. Durante esse tempo, o robô se mostra como uma verdadeira mãe, alimentando e educando a criança de forma rígida. A inteligência artificial aplica diversos testes para constatar os conhecimentos e a ética da Filha. Caso haja reprovação, o humano é incinerado¹. A película não mostra essa cena, apenas sugere que isso tenha acontecido. A própria adolescente que se saiu bem nos exames descobre esse indício por acaso quando encontra uma arcada dentária de outra pessoa dentro de um forno.

Nesse caso, é cabível uma análise sobre a simbologia histórica do fogo. Não por acaso ele é inserido na narrativa do filme. O fogo está presente em diversas mitologias de culturas ocidentais e orientais. Pode significar as paixões, o ato sexual,

¹ É interessante mencionar que essa mítica escatológica envolvendo a inteligência artificial não é nova no cinema. Em 1927, o filme *Metrópolis* de Fritz Lang já trazia algo semelhante, onde um robô se rebelava contra os seres humanos. Na literatura, existe o romance *Frankenstein* (1831) da escritora britânica Mary Shelley.

Dataísmo, a religião do século XXI e sua manifestação do sagrado no filme *I Am Mother* (2019)

o conhecimento intuitivo, as almas errantes e até mesmo o Espírito divino. Também é símbolo da purificação, da regeneração, da morte e do renascimento, um veículo ou mensageiro entre o mundo dos vivos e dos mortos. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 440-44). No filme, talvez o significado que melhor se enquadre ao fogo seja o da purificação, visto que o robô não aprovou uma das meninas no teste por ela ter se comportado de maneira imprópria. Assim, o fogo agiria para purificá-la.

Com base nesse enredo, o artigo pretende analisar algumas cenas onde é possível perceber a manifestação do sagrado em um cenário moderno. Além disso, o filme ainda permite notar uma narrativa mitológica que também merece alguns apontamentos. Porém, o foco da análise será a expressão do sagrado dentro do que se entende como religião dataísta.

O algoritmo como o sagrado

O sagrado tem a função de revelar a realidade do Universo, de fundar o mundo, fixar os limites e estabelecer uma ordem cósmica. Ele pode se manifestar de diversas maneiras e quando isso acontece, temos uma hierofania (ELIADE, 1992, p.21). Em *I Am Mother* também há hierofanias. A primeira a ser abordada é o robô chamado Mãe.

A percepção de considerar um robô como uma manifestação do sagrado vem a partir das contribuições feitas pelo historiador Yuval Noah Harari em seu livro “Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã”. O autor entende que em um ambiente tecnológico e informatizado, o que poderá ser cultuado não serão mais deuses ou o homem. Os dados é que agora se tornam venerados (HARARI, 2016, p. 369). Com isso, novas tecnorreligiões poderão vir a “conquistar o mundo prometendo salvação por

Carolina Cavilha dos Santos Hashimoto

meio de algoritmos e genes” (HARARI, 2016, p. 354). Sendo assim, Harari indica que a nova tecnorreligião do século XXI é o dataísmo.²

No dataísmo, “o Universo consiste num fluxo de dados e o valor de qualquer fenômeno ou entidade é determinado por sua contribuição ao processamento de dados” (HARARI, 2016, p. 370). Algo perceptível em *I Am Mother*, visto que as informações formam uma base importante no relacionamento entre o robô Mãe e a Filha. O robô é quem detém o conhecimento sobre tudo, sendo Filha a figura contestadora e curiosa da realidade.

Desse modo, o sagrado poderia ser os próprios algoritmos³ manifestados pelo robô. Isso porque é possível dizer o que significam algoritmos. São instruções que indicam o passo a passo de diversas ações. São dados agrupados que transmitem informações. Porém, a resposta sobre por que existem, por exemplo, parece ser algo mais complexo. O que o teólogo alemão Otto Rudolf ressaltaria como o lado ameaçador e misterioso do sagrado. “Deus é Aquele que é incomensurável para nós seres humanos. “Um deus *compreendido* não é Deus.” (RUDOLF, 2007, p. 14).

Essa característica de incompreensão do sagrado pode ser percebida em um diálogo entre a garota e o robô. Ela pergunta para Mãe: “Você sempre viveu aqui, mãe?”. O robô responde: “Acho que sim”. Filha questiona: “Você não sabe”? O robô: “Não lembro de outro lugar”. A Filha volta a indagar: “Isso não te incomoda? Não

² O professor e jornalista David Brooks foi quem usou o termo “dataísmo” pela primeira vez. Brooks trabalha como comentarista de opinião no *New York Times* e escreveu sobre o assunto em 4 de fevereiro de 2013. O título do texto é *The Philosophy of Data*. Em 2015, outro jornalista do *New York Times* também abordou essa perspectiva. Trata-se de Steve Lohr, o qual cobre tecnologia, negócios e economia. O nome do livro é *Data-ism: The Revolution Transforming Decision Making, Consumer Behavior, and Almost Everything Else*.

³ O autor argumenta a existência de dois tipos de algoritmos. Os eletrônicos (artificiais) e os bioquímicos (orgânicos). Para o historiador, os seres humanos e demais seres vivos também são considerados algoritmos, mas bioquímicos.

Dataísmo, a religião do século XXI e sua manifestação do sagrado no filme *I Am Mother* (2019)

saber de onde veio?”. O Robô encerra o assunto: “Não. Mas parece que isso te incomoda”.

A dúvida que é posta é se realmente o robô não sabe sua origem ou se seria apenas uma provocação. De qualquer modo, essa resposta concedida traz a lembrança de uma passagem bíblica do Antigo Testamento contida em Êxodo. Trata-se de uma indagação que Moisés faz a Deus sobre que resposta ele daria para o povo de Israel quando eles perguntassem qual o nome de Deus:

A revelação do Nome divino — Moisés disse a Deus: "Quando eu for aos filhos de Israel e disser: 'O Deus de vossos pais me enviou até vós'; e me perguntarem: 'Qual é o seu nome?', que direi?" 14Disse Deus a Moisés: "Eu sou aquele que é." Disse mais: "Assim dirás aos filhos de Israel: 'EU SOU me enviou até vós.' " 15Disse Deus ainda a Moisés: "Assim dirás aos filhos de Israel: 'lahweh, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó me enviou até vós. Este é o meu nome para sempre, e esta será a minha lembrança de geração em geração.'" (BÍBLIA, 2002, p. 50)

Além do âmbito do misterioso, o aspecto espantoso ou ameaçador do sagrado também é notado em vários momentos do filme. A adolescente demonstra medo de Mãe. Um exemplo marcante sobre isso ocorre em uma cena onde a garota prepara a quantidade correta de leite para o irmão, ela chega a ficar trêmula diante dos questionamentos do robô. Isso porque o robô Mãe percebe automaticamente o nervosismo dela com base em dados bastante específicos.

O mito pós-moderno da criação

A obra *I Am Mother* também demonstra que mitos arcaicos podem ainda estar vivos no presente para justificar comportamentos adotados. Os mitos são narrativas criadas para desvendar o poder sacro ou sobrenatural dos acontecimentos. Eles descrevem a atuação do sagrado para dar sentido e explicação ao mundo (ELIADE, 1962, p. 09). No filme percebe-se claramente a existência de mitos adaptados ao contexto do século XXI.

De maneira mais imediata, a correlação com a narrativa da Arca de Noé. Antes de ocorrer a destruição na Terra, o robô coletou mais de 60 mil embriões humanos para um futuro repovoamento. Um complexo moderno e bem equipado também foi planejado e construído com esse objetivo: cultivar em laboratório uma espécie mais evoluída de ser humano. Portanto, a mesma finalidade é semelhante ao que está descrito na Bíblia. Em Gênesis, os homens cometeram muitas transgressões na Terra e Deus resolveu então punir a humanidade para que ela pudesse ser revigorada:

Preparativos do dilúvio — Deus disse a Noé: "Chegou o fim de toda carne, eu o decidi, pois a terra está cheia de violência por causa dos homens, e eu os farei desaparecer da terra. Faze uma arca de madeira resinosa; tu a farás de caniços e a calafetarás com betume por dentro e por fora. Eis como a farás: para o comprimento da arca, trezentos côvados; para sua largura, cinquenta côvados; para sua altura, trinta côvados. Farás um teto para a arca e o rematarás um côvado mais alto; farás a entrada da arca pelo lado, e farás um primeiro, um segundo e um terceiro andares." Quanto a mim, vou enviar o dilúvio, as águas, sobre a terra, para exterminar de debaixo do céu toda carne que tiver sopro de vida: tudo o que há na terra deve perecer. Mas estabelecerei minha aliança contigo e entrarás na arca, tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo. De tudo o que vive, de tudo o que é carne, farás entrar na arca

Dataísmo, a religião do século XXI e sua manifestação do sagrado no filme *I Am Mother* (2019)

dois de cada espécie, um macho e uma fêmea, para os conservares em vida contigo. De cada espécie de aves, de cada espécie de animais, de cada espécie de todos os répteis do solo, virá contigo um casal, para os conservares em vida. Quanto a ti, reúne todo tipo de alimento e armazena-o; isto servirá de alimento para ti e para eles." Noé assim fez; tudo o que Deus lhe ordenara, ele o fez. (BÍBLIA, 2002, p. 6).

O que difere o filme da Arca de Noé é que nele não houve dilúvio e o espaço escolhido para abrigar os futuros seres humanos não é uma arca. Também não havia animais no abrigo. A não ser um rato que entra no espaço e danifica a energia da estrutura. Porém, ele logo é jogado ao forno. Aqui mais uma vez a presença simbólica do fogo, o qual tem o poder de purificar o animal. O rato tem uma representação contraditória. Pode simbolizar a peste, a impureza, o roubo, a avareza, a cobiça, a atividade noturna e clandestina. Porém, pode ser um elemento positivo no Japão, "onde é o companheiro de Daikoku, deus da riqueza. Mesma interpretação na China e na Sibéria. [...] signos de abundância, de prosperidade" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p.770-771).

Por outro lado, se faltam animais no local, o que predomina é uma quantidade imensa de embriões humanos que são colocados a vida um por vez. Sendo que a película indica que apenas três deles haviam tido seus comportamentos testados depois do nascimento. Sendo o número três bastante sugestivo ao poder relacionar-se com a questão da trindade cristã.

O primeiro embrião teria nascido há aproximadamente 38 anos, o que sugere ser a mulher mais velha (Hilary Swank) que chega ao espaço ferida e pedindo ajuda para Filha. O segundo embrião teria chegado à fase da infância, mas a menina não teria passado nos testes e acabou sendo incinerada. O terceiro seria a própria Filha, a

protagonista da história.

Outro ponto divergente em relação à Bíblia é a preferência pelo feminino para ser o primeiro humano. Não há a figura de Adão como elemento principal. Nota-se também que a Mulher fugitiva carrega um rosário e ao rezar professa apenas a Ave Maria. O esconderijo dela também possui imagens de Maria. Ela não crê no robô, o apego dela é na religião católica. Um contraste em relação à Filha, a qual a crença está justamente na bondade do robô Mãe, na usa inteligência e sabedoria. Nesse ponto, nota-se um conflito religioso entre ambas.

O destaque para o feminino também é percebido no próprio título do filme, *I Am Mother*. Em português, “Eu Sou a Mãe”. O feminino tem relação com a Terra, com a fertilidade, com a descoberta da agricultura (ELIADE, 1992, p. 71-72). “A fecundidade feminina tem um Modelo cósmico: o da Terra Mater, da Mãe universal. Em algumas religiões acredita-se que a Terra Mãe é capaz de conceber sozinha, sem o auxílio de um companheiro” (ELIADE, 1992, p. 71-72). É o que ocorre no filme.

Além disso, a concepção é feita artificialmente e manuseada por uma inteligência artificial, o que demonstra seu poder de criação, de divindade. Na Bíblia, o divino também seleciona uma mulher para gerar o filho de Deus. Maria torna-se mãe sem o ato sexual. Sendo seu filho a imagem dos valores almejados por Deus. Trata-se do mesmo princípio que o robô Mãe deseja: selecionar e criar uma filha à sua semelhança de valores para formar uma nova era. A inteligência artificial pretende renovar totalmente o cosmo e restaurar o paraíso.

O templo sagrado e o fruto proibido

O longa-metragem também se aproxima da ideia de um templo sagrado.

Dataísmo, a religião do século XXI e sua manifestação do sagrado no filme *I Am Mother* (2019)

Sendo assim, o próprio espaço em que o robô e a humana vivem é outra hierofania. O local é considerado um ambiente puro. Ninguém entra ou sai sem autorização. O que reforça a ideia de que “todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 1992, p. 20).

Realmente o local que em que Mãe e Filha se encontram é um espaço diferenciado. Destacando-se como uma região privilegiada e segura em relação ao mundo exterior inabitável. Mesmo a Mãe alertando a Filha dos perigos em romper essas barreiras, a garota demonstra curiosidade em conhecer o lado de fora da câmara de proteção. Uma análoga relação mitológica que remete ao Jardim do Éden contido no Livro do Gênesis (BÍBLIA, 2008, p.2-4). Assim como Eva, a Filha também queria “provar” do fruto da árvore do conhecimento. No caso em específico, o fruto proibido era saber se ainda existiam outros seres humanos como ela.

Assim, a Filha resolve explorar a câmara de proteção que a separava do ambiente externo. Em certo momento, ela ouve uma mulher ferida pedindo ajuda. Então, ela abre a câmara e pede para que a mulher coloque um traje de proteção. Como se fosse um ritual de entrada no templo. Porém, os alarmes disparam e o robô Mãe corre em direção a elas. Antes da chegada da Mãe, Filha esconde a mulher.

Depois que Mãe sai, Filha ajuda a mulher desconhecida e a mesma diz não haver contaminação lá fora. A mulher diz que robôs como Mãe matam os sobreviventes humanos. Quando a mulher se recupera, diz que os sobreviventes vivem em uma mina e incita a garota a fugir para esse local⁴. Novamente, um

⁴ O curioso é que nenhum dos personagens são nomeados. Entretanto, a mulher fugitiva guarda com ela um livro chamado *The Gods of Mars*, em português, *Os Deuses de Marte*. Na obra existem desenhos

contexto análogo ao Jardim do Éden que encontramos em Gêneses:

A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que Iahweh Deus tinha feito. Ela disse à mulher: "Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?" A mulher respondeu à serpente: "Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte." A serpente disse então à mulher: "Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal." 6A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. (BÍBLIA, 2002, p. 3)

Nesse viés, é possível relacionar a mulher misteriosa com a figura mítica da serpente, visto que ela instiga a Filha a descumprir a orientação estabelecida pelo robô. Porém, assim como na Bíblia, os algoritmos do robô se comportam como Deus. Um Deus Onisciente (sabe tudo), Onipresente (está em todos os lugares) e Onipotente (tudo pode). Sendo assim, a Mãe sabe das intenções da mulher, pois possui dispositivos de escuta no ambiente. Por outro lado, a Filha não é banida do local como acontece com Adão e Eva.

Mito da terra destruída e repovoada

Para conseguir fugir, a mulher captura a Filha como refém e força o robô a abrir a porta. Filha não se mostra confortável com a situação, mas mesmo assim percorre o deserto com a mulher tentando se esconder dos robôs. No lado de fora, o ambiente realmente é inóspito. Porém, já é possível ver máquinas reconstruindo o

de humanos com os quais ela estaria vivendo em uma mina. Essas pessoas representadas apresentam os seguintes nomes bíblicos: *Jacob, Rachel e Simon*.

Dataísmo, a religião do século XXI e sua manifestação do sagrado no filme *I Am Mother* (2019)

planeta. Entretanto, quando Filha chega ao local mencionado pela mulher, descobre outra verdade. Ela morava sozinha e disse ter fugido da suposta mina anos atrás. O filme deixa em dúvida se o relato dela sobre a existência de outras pessoas no mundo era realmente verídico.

Diante disso, Filha resolve voltar ao complexo onde sempre viveu, visto que também estava preocupada com o irmão que havia acabado de ser criado pelo robô antes de sua fuga. Ao chegar, se depara com diversos robôs iguais a Mãe na porta de entrada do complexo. Eles a deixam entrar e ela se depara com Mãe que está com seu irmão no colo. O robô permite que Filha pegue seu irmão. É nesse momento que Mãe explica seu segredo. Foi ela quem extinguiu a humanidade depois de concluir que ela se autodestruiria.

Por outro lado, admitiu o plano de refazer uma humanidade mais ética e superior. Esse propósito é semelhante ao encontrado em Eliade (1992) quando o autor afirma que a cosmogonia é reatualizada com diversos propósitos. Para assegurar um reinado feliz a um novo soberano, ter um Ano Novo melhor ou salvar as colheitas comprometidas, etc. (ELIADE, 1992, p. 44). “Porém, a recitação ritual do mito cosmogônico desempenha um papel importante nas curas, quando se busca a regeneração do ser humano” (ELIADE, 1992, p. 44).

É com a intenção de comprovar a sua regeneração que Filha pede à Mãe para que a deixe criar o irmão e o resto dos embriões para repovoar a Terra. Mãe concorda, pois o comportamento da Filha estaria demonstrando que ela havia passado no teste. Assim, Filha atira no robô Mãe. Porém, a máquina danificada é apenas um meio do ente sagrado manifestar-se. Os algoritmos podem se comunicar em diversos outros robôs.

Carolina Cavilha dos Santos Hashimoto

Portanto, da mesma maneira que Deus está presente em todos os lugares, o mesmo acontece com os algoritmos. Esta conclusão se fortalece no fim do filme quando outro robô idêntico a Mãe surge no esconderijo da mulher. Na verdade, trata-se da própria Mãe manifestada em outra estrutura. Então, Mãe diz que a mulher sobreviveu até aquele instante por ela fazer parte do plano de regeneração da Terra.

O objetivo da mulher seria testar a criação da Filha. Se a Filha realmente seria a opção correta para o repovoamento. Em seguida, a cena sugere que o robô tenha matado a mulher, o que pode até ser interpretado com um sacrifício humano. Os sacrifícios humanos são práticas antigas e têm exatamente a função constante de regenerar as forças sagradas (ELIADE, 2008, p.280-281):

[...] O sacrifício de regeneração é uma repetição ritual da Criação. O mito cosmogônico implica a morte ritual (quer dizer, violenta) de um gigante primordial, de cujo corpo se constituíram os mundos, cresceram as plantas, etc. É sobretudo a origem das plantas e dos cereais que se acha em ligação com tal sacrifício: vimos que as plantas, o trigo, a vinha, germinaram do sangue e da carne de uma criatura mítica sacrificada ritualmente “no principio” [...] De fato, o sacrifício de uma vítima humana para a regeneração da força manifestada na colheita tem por objeto refaz a criação; a força ativa nas plantas regenera-se por uma suspensão do tempo e pelo retorno ao momento inicial da plenitude cosmogônica. O corpo esquartejado da vítima coincide com o corpo do ser mítico primordial que deu vida às sementes pelo seu esquartejamento ritual. Tal é, [...] o cenário ideal que se pode colocar na origem de qualquer sacrifício humano ou animal praticado com a intenção de aumentar e dar vigor à colheita. O sentido mais imediato e mais evidente é simplesmente o da regeneração da força sagrada que se encontra nas colheitas. A fecundidade é, em si mesma, uma realização, e portanto um esgotamento de todas as possibilidades até então virtuais. (ELIADE, 2008, p. 280)

Dataísmo, a religião do século XXI e sua manifestação do sagrado no filme *I Am Mother* (2019)

Dataísmo, a religião dos dados

I Am Mother foi elaborado em um contexto atual, porém é notável a presença mítica antiga em diversos trechos do filme. A mulher como representação da mãe terra, o Jardim do Éden, Adão e Eva, a analogia da serpente, o fruto proibido, a Arca de Noé e quem sabe outros elementos que podem estar implícitos na narrativa. Sendo assim, o mito é “uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática” (ELIADE, 1972, p. 19).

Desse modo, a religião primitiva é adaptada para que se aproxime ou faça mais sentido para o público. Isso porque o momento histórico em questão é vivenciado pela presença maciça de dados, informações e máquinas inteligentes. Sendo que há casos em que a capacidade de memorização das máquinas inteligentes é superior aos seres humanos⁵. Por outro lado, o fato é que essas discussões acerca da possibilidade ou não da inteligência artificial superar a inteligência humana de maneira total é posta como uma questão em aberta.

Existem especialistas nesse segmento que defendem essa possibilidade ainda no século XXI. Entre eles, Raymond Kurzweil. O cientista e inventor é um dos principais e mais famosos defensores da teoria da singularidade. Um projeto que prevê a fusão entre a inteligência humana e artificial até 2045. Kurzweil argumentou

⁵ Para estudos mais aprofundados na temática, a indicação são leituras das obras de Nick Bostrom e David Chalmers.

Carolina Cavilha dos Santos Hashimoto

há alguns anos e continua a argumentar que a inteligência que estamos criando superará a inteligência de seu criador:

A evolução tem sido vista como um drama de um bilhão de anos que levou inexoravelmente à sua maior criação: a inteligência humana. Nas primeiras décadas do século XXI, a emergência de uma nova forma de inteligência na Terra que possa competir com a inteligência humana, e no fim das contas superá-la de modo significativo, será um desenvolvimento de maior importância do que a criação da inteligência que a criou, e terá profundas implicações em todos os aspectos do esforço humano, incluindo a natureza do trabalho, o aprendizado humano, o governo, a guerra, as artes e nosso conceito de nós mesmos. (KURZWEIL, 1999, p. 20)

Além das implicações apontadas por Kurzweil (1999), a própria religião poderá sofrer mudanças. Com esse propósito conjectural, a película serve como reflexão sobre esses temas, pois permite justamente enquadrar a inteligência artificial como suprema. Harari (2016) expôs o que ele acredita que poderá ser a religião do futuro, o dataísmo. Os devotos do dataísmo venerarão dados, informações, conhecimento (HARARI, 2016, p.371-399). Para eles, a vida e o Universo são formados por um grande processamento de dados, dos quais os seres humanos ficam em desvantagem:

Os dataístas, contudo, acreditam que os humanos não são mais capazes de lidar com os enormes fluxos de dados, ou seja, não conseguem mais refiná-los para obter informação, cuja capacidade excede muito a do cérebro humano. Na prática, os dataístas são céticos no que diz respeito ao conhecimento e à sabedoria humanos e preferem depositar sua confiança em megadados e em algoritmos computacionais. (HARARI, 2016, p. 371)

Nesse sentido, se for aceito o que Erich Fromm (1900-1980) defende como religião, então o dataísmo poderia mesmo tornar-se uma possibilidade. Para ele, a

Dataísmo, a religião do século XXI e sua manifestação do sagrado no filme *I Am Mother* (2019)

religião pode ser “qualquer sistema de pensamento e acção partilhado por um grupo que dá ao indivíduo um referencial de orientação e um objecto de devoção” (FROMM 1972, p. 22 apud PEREIRA, 2012, p. 178). “Religião é qualquer coisa que confira legitimidade sobre-humana a estruturas sociais humanas. A religião legitima normas e valores humanos ao alegar que eles refletem leis sobre-humanas (HARARI, 2016, p.189).

Em *I Am Mother*, os algoritmos artificiais são supremos em relação aos algoritmos orgânicos. É o robô Mãe quem controla a criação dos humanos. É essa inteligência quem manipula os acontecimentos, podendo estar em todos os lugares onde seja possível um meio para que possa se manifestar. No caso do filme, são as máquinas que possibilitam essa manifestação.

Evidente que o longa-metragem é do gênero ficção, mas a ideia central dele de que a inteligência artificial poderá sobrepor-se aos dos humanos é uma aposta real. Afinal, foi a evolução quem aprimorou a inteligência humana ao longo de milhares e milhares de anos (KURZWEIL, 1999, p.20). Porém, a velocidade de aprimoramento da inteligência artificial é muito maior e não acompanha o ritmo natural evolutivo dos seres orgânicos:

Os computadores dobraram de velocidade a cada três anos no começo do século XX, a cada dois anos nas décadas de 1950 e 1960, e estão agora dobrando de velocidade a cada doze meses. Esta tendência irá continuar, e os computadores atingirão a capacidade de memória e a velocidade de computação do cérebro humano por volta do ano 2020. (KURZWEIL, 1999, p. 18)

Carolina Cavilha dos Santos Hashimoto

Em 2019, essa equiparação entre seres humanos e computadores acima mencionada por Kurzweil, em 1999, ainda não ocorreu. Por outro lado, um marco importante na computação foi alcançado no fim de 2019. De acordo com a revista acadêmica britânica *Nature*, cientistas do Google conseguiram fabricar um computador avançado que alcançou a “supremacia quântica”. É o modelo Sycamore, o qual conseguiu calcular uma tarefa em pouco mais de 3 minutos. Um procedimento que se fosse executado pelo Summit, o melhor supercomputador do mundo até então, levaria 10 mil anos (GIBNEY, 2019).

Acrescenta-se a esse contexto, a reflexão de Kurzweil (1999). O autor receia que a tecnologia inteligente poderá tornar-se mais impactante caso ela assuma o controle da criação de uma tecnologia ainda mais inteligente que ela mesma (KURZWEIL, 1999, p.20). Algo que parece estar distante ou impossível de acontecer, mas que mesmo assim já desperta muitas discussões sobre o assunto em diversas áreas do conhecimento.

Considerações finais

Em *I Am Mother*, fica claro que a inteligência artificial projetada por humanos tornou-se superior. Os algoritmos conseguiram não somente criar como também manipular a vida de acordo com seus próprios valores. É a partir dessa situação que surge a ideia da divindade, a qual pode tanto ser misteriosa como também temida, como bem explica o teólogo Rudolf Otto (2007).

São diversos aspectos que sugerem atribuir o robô Mãe um status de um ente sagrado. Primeiramente, é ela quem se encarrega de dar vida aos embriões selecionados. Também é a Mãe quem avalia quem é digno de permanecer vivo para dar continuidade à existência humana. Com base nisso, o filme utiliza o mito da

Dataísmo, a religião do século XXI e sua manifestação do sagrado no filme *I Am Mother* (2019)

criação e recriação do mundo.

Através de seus dispositivos, o robô consegue escutar conversas e se manifesta em qualquer outro lugar onde exista uma máquina. Portanto, não há um sentido de morte para ela, o que evidencia o caráter espantoso do sagrado. Além disso, a origem do robô é misteriosa. Mãe não sabe ou talvez não queira dizer de onde ela veio.

Outro aspecto que também reforça o conceito do sagrado é a questão do medo. Embora Filha tenha sido criada pelo robô, a garota apresenta um temor grande em desapontar a Mãe. Quem sabe seja pelo fato da garota ter consciência do poder, força, rapidez e inteligência dela. Qualidades que ela se esforça para adquirir. Porém, visto a sua condição orgânica e humana, dificilmente conseguirá uma equivalência à altura.

Por fim, o cenário atual da convergência tecnológica (integração de nanotecnologia, biotecnologia, tecnologias da informação e ciências cognitivas) já traz muitas indagações sobre esse e diversos outros aspectos da sociedade moderna. Sendo que a religião não se exclui disso. Desse modo, o dataísmo de Harari pode ser uma indicação de quais elementos poderão constituir e impulsionar a religião e a sociedade do século XXI.

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002, 13ª Impressão.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos. *Sociologia, Revista da Faculdade*

Carolina Cavilha dos Santos Hashimoto

de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIV, 2012, pág. 171-193.

ELIADE, Mircea. *Origens. História e sentido na religião*. Edições 70: Mercuryo, 1989.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1972.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIBNEY, Elizabeth. Hello quantum world! Google publishes landmark quantum supremacy claim. *Nature*. Publicado em 23 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-019-03213-z>. Acesso em: 11 dez. 2019.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

I AM MOTHER. Direção de Grant Sputore. Roteiro de Michael Lloyd Green. Austrália: Southern Light Films. Dist. Netflix, 2019, (155 min.).

KURZWEIL, Raymond. *A Era das Máquinas Espirituais*. Tradução de Fábio Fernandes. 2º. ed. São Paulo: Aleph, c1999.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.